

A RECREAÇÃO E O CONSTRUTIVISMO: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ESCOLA.

Thercio Fabio Pontes Sabino, Gisele Maria Schwartz e Sandro Carnicelli Filho – Educação Física – LEL Laboratório de Estudos do Lazer - Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – UNESP - Campus de Rio Claro

A recreação é um assunto abordado com grande frequência dentro da Educação Física, porém pouco discutido como possibilidade de auxílio no âmbito escolar. O termo, derivado do latim *re-creare*, é compreendido em um sentido mais amplo, por experiências que causam prazer e alegria e, portanto, é necessário entender sua composição feita por opções de diversas ordens, que buscam satisfazer, com prazer, as necessidades físicas, psíquicas ou sociais.

É evidente que quando se fala de recreação durante o curso de graduação o enfoque dado é, quase sempre, direcionado para as experiências relativas aos acampamentos educacionais, ao trabalho em hotéis e clubes, que oferecem este serviço para seus hóspedes e associados, porém, não há como negar sua potencialidade no âmbito da educação, visando implementar o processo ensino-aprendizagem.

Fazendo uma interface entre a recreação e a educação, Gonçalves Junior (2004) aponta que a recreação na escola pode ser utilizada nas diversas disciplinas ou dimensões do saber, porém é importante que esta não seja instrumentalizada, já que ela foi feita para ser vivida. Para exemplificar esta instrumentalização referida, o autor apresenta cenas que representam as suas “funções”: cansar, relaxar e educar. O exemplo que o autor apresenta é o de uma excursão, em que os alunos foram levados para apreciar uma exposição de arte e que o professor, preocupado com a bagunça que os alunos poderiam fazer, pediu para que eles anotassem o nome de todos os quadros, tirando a possibilidade destes explorarem mais livremente o local e de sentirem determinadas emoções que poderiam decorrer dessa experiência.

Sendo assim, a imperícia do professor fica patente, no sentido de que ele perdeu a oportunidade de, efetivamente, utilizar uma metodologia que comportasse o componente lúdico, sem perder de foco o educacional, e sem, necessariamente, utilizar a recreação de maneira instrumentalizada.

Isto pode estar relacionado, inclusive, com a visão funcionalista, também atribuída ao lazer na escola, encoberto pela Orientação Educacional, fato corroborado por Marcellino (1990), em que se abarcam as concepções do lazer como meio para arrecadação de dinheiro e promoção de *status* social.

Este mesmo autor aponta para uma necessidade de não funcionalizar o lúdico, por acreditar que, ao se atribuir uma função, o elemento lúdico perde seu caráter espontâneo.

Quando Marcellino (1990) aponta para uma aprendizagem que seja beneficiada pelos aspectos característicos do lazer, como a espontaneidade na escolha dos temas e o caráter lúdico como forma de abordagem, ele não busca a transformação do trabalho escolar em lazer, já que ambos possuem naturezas diferenciadas e peculiares, que devem ser respeitadas, mas quer mostrar que existem possibilidades de se transformar a aprendizagem em algo prazeroso e, ao se optar pela inserção do caráter lúdico como forma de abordagem, ficam à disposição as técnicas de recreação, para serem empregadas.

Para incrementar esta discussão, Gouvêa (1967, p. 19) também favorece uma compreensão acerca do termo recreação, evidenciando que esta se refere a “...tudo quanto diverte e entretém o ser humano e envolve ativa participação”. Isso implica em atividades de livre escolha, espontaneidade de ação, prazer e ativa participação, além do retorno pessoal ou social que representam os fundamentos característicos do termo.

Na escola, os professores possuem, *a priori*, a necessidade de transmitir conhecimentos sistematizados e, por que não dizer, secularizados, a serem passados para seus alunos, os quais, não raro, se sentem desmotivados para aprender. Portanto, quando se consegue associar a vontade de ensinar (o que se supõe ser de natureza intrínseca à atuação dos professores), com o desejo real de aprender dos alunos, a “química” será perfeita. Porém, às vezes, é necessário que se estimule o aluno para que ele encontre esse desejo de aprender e, tanto a recreação, como a atividade lúdica, podem representar estratégias importantes neste sentido, já que seduz de maneira saudável (SCHWARTZ, 2004).

Ao longo das diversas tendências pela quais a sistematização da área da Educação Física passou, pode-se perceber que, em algumas delas, a recreação e o componente lúdico aparecem inseridos com maior ênfase ou de maneira sutil, merecendo a atenção mais específica em cada uma delas.

O interesse deste estudo foi o de verificar, através de uma análise bibliográfica, as interfaces entre a recreação e a tendência da Educação Física Escolar denominada Construtivista, buscando compreender as possibilidades de uso das atividades lúdicas dentro do ambiente escolar.

A abordagem construtivista encontra no livro *Educação de Corpo Inteiro*, de João Batista Freire, em 1989, a principal rede de divulgação de suas idéias e concepções. Utilizando os trabalhos de Jean Piaget como fundamentação para suas teorias, essa tendência possui uma conexão com a recreação e com a atividade lúdica, ao se considerar que a principal estratégia centra-se na utilização de jogos e brincadeiras populares. Tal metodologia busca a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo ao seu redor. Para que essa relação seja verdadeira e útil é necessário considerar os conhecimentos que a criança já possui sobre os jogos, as brincadeiras e os brinquedos.

Esta tendência parece ser uma das que mais utilizam os recursos recreativos, para auxiliar no processo ensino-aprendizagem, mesmo porque, o constante enfoque que esta tem sobre jogos, brinquedos e brincadeiras, é capaz de inserir os envolvidos diretamente no universo lúdico.

Um ponto importante para se considerar é que as atividades recreativas, especificamente, possibilitam, em primeiro plano, que sejam focalizadas as questões da cultura corporal, procurando, assim, observar essa especificidade na Educação Física. Este campo de atuação observa outros conteúdos e, inclusive, a interdisciplinaridade, porém, como cenário para a compreensão de um corpo em movimento que se relaciona com o mundo.

A idéia dos construtivistas de que os alunos, por meio do jogo e da brincadeira, aprendem com maior facilidade a se conhecer e a conhecer o seu mundo, parece ser o ponto forte desta tendência. Esse aprendizado está em fusão com a concepção de educar, que é concebido como algo que transcende a simples transmissão de conteúdos e abarca a concepção do ensinar a viver.

No entanto, há que se diferenciar a simples inserção do jogo ou da brincadeira como elemento da aula, adotados sem um critério e sem a sistematização exigida no processo educacional, desvirtuando a atuação do profissional e gerando a concepção de mero fazer, o que pode salientar uma visão de descaso e desleixo acerca da atuação profissional, formulando o que se estigmatizou, na fala de Darido (2003, p.23) como “....não significou o abandono de práticas vinculadas ao modelo esportivo, biológico ou, ainda, ao recreacionista...”

Este “pré-conceito” com relação ao jogo e à brincadeira, inseridos no contexto educacional, é antigo e ainda perdura, tendo em vista a falta de esclarecimento sobre a potencialidade da dinâmica lúdica, inclusive em âmbito acadêmico. Porém, já se tem uma produção crescente de textos capazes de ampliar esta visão estigmatizada da recreação e do lazer, como em Pinto (2001), Schwartz (2004), entre diversos outros autores, que se preocupam em apontar as potencialidades deste campo de estudo e de intervenção.

Torna-se, então, importante preparar os futuros professores para que estejam capacitados a usar técnicas recreativas, a fim de ensinar de forma prazerosas e para que os conhecimentos a serem ensinados sejam realmente apreendidos e compreendidos e não, apenas, escutados, podendo-se, então, ter novas gerações mais preparadas, mais humanizadas e em maior sinergia com o mundo ao seu redor.

A recreação não pode mais ser tomada como algo ruim, ultrapassado ou de pouco valor para o contexto educacional, mas pode representar um aliado profundamente ligado às necessidades da criança e do jovem, no sentido de favorecer o aprendizado de modo mais divertido, de compartilhar experiência e, por meio disto, viver o processo educativo de forma intensa e mais significativa.

É evidente que não se deve aplicar o caráter recreativo a todos os conteúdos das aulas de Educação Física, no entanto, a inserção desse elemento deve ser combinada com outros tipos, para que a aprendizagem não seja minimizada a apenas uma forma processual. Isto é importante para que se aprimore a visão dos alunos acerca da imensa área da cultura corporal, vencendo obstáculos, preconceitos e limitações impostas. A recreação pode ter um alto poder educativo e pode ser efetiva no processo ensino-aprendizagem, é necessário, porém, a conscientização sobre quais são as melhores

formas e mais coerentes para utilização de seus componentes lúdicos na implementação das propostas pedagógicas.

Referências

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

DARIDO, S.C. **Educação Física na Escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

GONÇALVES JUNIOR, L. Atividade Recreativa na Escola: uma Educação Fundamental (de Prazer). In: SCWARTZ, G. M. (org.) **Educação Física no Ensino Superior**: Atividades Recreativas. p. 130-136. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GOUVÊA, R. **Recreação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e Educação**. 2ed. Campinas: Papirus, 1990.

PINTO, L.M.S.M. Formação de educadores e educadoras para o lazer: saberes e competências. **Revista Brasileira de Ciências do Esportes**. V.22, n.3, 2001.

SCHWARTZ, G.M. (org.) **Dinâmica Lúdica**. Barueri: Manole, 2004.